CARDOSO, Shirley Ribeiro; PEREIRA, Lara S.; SOUZA, Adenícia C. S. e; TIPPLE, Anaclara F. V.; PEREIRA, Milca S.; JUNQUEIRA, Ana Luiza N. Anti-sepsia para administração de medicamentos por via endovenosa e intramuscular. In: CONGRESSO DE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO DA UFG – CONPEEX 2, 2005, Goiânia, **Anais eletrônicos do XIII Seminário de Iniciação Científica** [CD-ROM], Goiânia: UFG, 2005. n.p.

ANTI-SEPSIA PARA ADMINISTRAÇÃO DE MEDICAMENTOS POR VIA ENDOVENOSA E INTRAMUSCULAR.

CARDOSO, Shirley Ribeiro ¹; **PEREIRA**, Lara S. ²; **SOUZA**, Adenícia C. S. e ³; **TIPPLE**, Anaclara F. V. ³; **PEREIRA**, Milca S. ³; **JUNQUEIRA**, Ana Luiza N. ⁴.

Palavras-chave: Anti-sepsia, administração de medicamentos, medicamentos via parenteral.

1. INTRODUÇÃO (justificativa e objetivos)

Denomina-se anti-sepsia o conjunto de medidas empregadas com a finalidade de destruir ou inibir crescimento de microrganismos existentes nas camadas superficiais (microbiota transitória) e profundas (microbiota residente) da pele e de mucosas, pela aplicação de agentes germicidas classificados como anti-sépticos (BRASIL, 1998). Para uma adequada anti-sepsia anteriormente à administração de medicamentos por via parenteral, recomenda-se que a pele do local a ser injetado deva ser completamente limpa, esfregando-se etanol ou isopropanolol a 70%, retirando o excesso de álcool do algodão e fazendo pelo menos cinco (5) movimentos em um mesmo sentido e deixando secar (AYLIFFE, et al., 1998; CARVALHO, 2000; CASSIANI, 1998; COIMBRA, 1999; SOUZA & JUNQUEIRA, 2001). Para Cerqueira (1997), microbiota transitória é a microbiota exógena, e microbiota residente é a microbiota endógena, que é responsável por 70 a 80% das infecções hospitalares. Logo, grande parte dessas infecções é causada por microrganismos próprios da microbiota humana, que poderá penetrar camadas mais internas durante a aplicação de medicamentos por via parenteral. Com isso, pode-se verificar quão importante é prevenir essas infecções através de medidas simples, porém eficazes, como a anti-sepsia para administração de medicamentos, tanto por via IM, como por via EV. Apesar dos avanços científicos e tecnológicos, de todo conhecimento disponível, permanece ainda o grande desafio de tornar as medidas profiláticas práticas rotineiras nas instituições de saúde, pois se observa uma resistência muito grande dos profissionais da área de saúde em aderirem às práticas preventivas comprovadamente efetivas. Estes fatos parecem indicar a necessidade de um investimento anterior à prática profissional, à formação acadêmica, que tem se mostrado deficiente quanto ao ensino e a prática do controle de infecção, visto que as atividades hoje desenvolvidas são resultantes da formação anterior do indivíduo (TIPPLE, 2000). Assim, vimos a necessidade de pesquisar em um Hospital Escola, junto à equipe de enfermagem, como está sendo realizada a anti-sepsia anteriormente à administração de medicamentos por via intramuscular e via endovenosa, visando à prevenção e controle das infecções relacionadas aos procedimentos. Estes dados poderão contribuir para a normatização do serviço em relação a esse procedimento e para que o planejamento da educação continuada contemple essa temática. O objetivo deste estudo foi identificar, junto à equipe de enfermagem, a utilização da anti-sepsia para administração de medicamentos injetáveis por via endovenosa e intramuscular como medida de prevenção e controle de infecção em um hospital de ensino de Goiânia-GO.

2. METODOLOGIA

Estudo descritivo, realizado em oito unidades de um hospital de ensino na cidade de Goiânia – GO. Fizeram parte desta pesquisa os membros da equipe de enfermagem, responsáveis pela

administração de medicamentos injetáveis por via parenteral, que concordaram em participar, mediante assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido. Neste hospital trabalha-se com escalas fixas na administração de medicamentos. O período utilizado para a coleta dos dados foi de 09/10/04 a 12/01/05, nos três períodos da escala de trabalho (matutino, vespertino e noturno). A obtenção dos dados foi mediante observação, utilizando-se *check-list*, atendendo aos aspectos ético-legais. O roteiro para esta finalidade foi validado, quanto à forma e conteúdo, mediante apreciação por três especialistas em controle de infecção, além de ser pré-testado com vistas à análise da sua operacionalidade. Os dados coletados foram processados, dispostos em tabelas e analisados por estatística descritiva, com a ajuda do programa Epilnfo versão 6.0. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da Santa Casa de Misericórdia, da cidade de Goiânia – GO, protocolo nº 010/03.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observamos 212 profissionais (10 enfermeiros, 195 técnicos e 7 auxiliares). Quanto à via de administração, 19,8% (42/212) dos procedimentos foram realizados por via endovenosa direta, 72,6% (154/212) por via endovenosa com sistema já instalado e 7,6% (16/212) por via intramuscular. A maioria dos profissionais, 168 (79,2%), não lavou as mãos antes de realizar o procedimento. Das 154 medicações feitas em sistema venoso já instalado, não foi realizada a desinfecção do injetor de borracha em 47 (30,5%). Dos profissionais que realizaram estes procedimentos, um foi enfermeiro, 43 técnicos e três auxiliares de enfermagem. No que se refere à anti-sepsia, 72,4% (42/58) das medicações foram realizadas por via endovenosa e 27,6% (16/58) por via intramuscular, mas apesar do uso do anti-séptico em todas as situações, em apenas 40,5% (17/42) das injeções endovenosas e em 37,5% (6/16) das intramusculares foram feitos os cinco ou mais movimentos em um mesmo sentido com o algodão embebido com álcool a 70%, que é o procedimento preconizado para a realização da anti-sepsia da pele. Além da utilização correta do anti-séptico, deve-se realizar a limpeza da região, verificando a presença ou não de sujidade, sendo necessária a mudança da face do algodão ou mesmo a sua troca. Nesta investigação, apenas três profissionais verificaram se havia sujidade no algodão utilizado, e quatro profissionais mudaram a face do algodão. Após a anti-sepsia, 25 profissionais tocaram o local, contaminando-o, destes apenas 13 (52,0%) fizeram nova anti-sepsia, portanto, houve a recontaminação em 12 situações observadas.

4. CONCLUSÃO

Os dados revelam que medidas preventivas necessárias ao controle de infecção na administração de medicamentos via parenteral nem sempre são adotadas, representando um desafio à educação permanente e ao controle de infecção no hospital em estudo. A anti-sepsia constitui-se em um meio eficaz de redução da microbiota residente e transitória da pele humana, quando realizada adequadamente. Entretanto, mesmo diante de todos os estudos realizados e informações disponíveis, é nítida a falta conscientização por parte dos profissionais da saúde, principalmente da equipe de enfermagem, em adotar medidas preventivas simples e que podem evitar grandes transtornos para o paciente. Esta realidade pode talvez ser explicada, mas não justificada, pela sobrecarga de serviços a serem desempenhados por um número reduzido de funcionários e principalmente pela falta de conscientização que deve ser trabalhada durante o processo de formação com ênfase na grandiosidade que envolve as infecções hospitalares. Acreditamos que trabalhando a educação continuada com os profissionais de enfermagem é

CARDOSO, Shirley Ribeiro; PEREIRA, Lara S.; SOUZA, Adenícia C. S. e; TIPPLE, Anaclara F. V.; PEREIRA, Milca S.; JUNQUEIRA, Ana Luiza N. Anti-sepsia para administração de medicamentos por via endovenosa e intramuscular. In: CONGRESSO DE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO DA UFG – CONPEEX 2, 2005, Goiânia, **Anais eletrônicos do XIII Seminário de Iniciação Científica** [CD-ROM], Goiânia: UFG, 2005. n.p.

possível uma conscientização da necessidade destes procedimentos como controle das infecções e qualidade do atendimento na administração de medicamentos injetáveis IM e EV.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYLIFFE, G.A.J.; LOWBURY, E.J.L.; GEDDES, A.M.; Williams, J.D. **Controle de Infecção Hospitalar: manual prático**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Revinter, 1998.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria n. 2616/MS/GM, Brasília, 12 de maio de 1998.

CARVALHO, Viviane T. **Erros na Administração de Medicamentos: análise de relatos dos profissionais de enfermagem**. 2000. 131 f. Dissertação (Mestrado). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP, Ribeirão Preto, 2000.

CASSIANI, Silvia Helena de B. **Um salto para o futuro no ensino da administração de medicamentos: desenvolvimento de um programa instrucional pelo computador**. 1998. 206 f. Tese de livre docência. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP, Ribeirão Preto, 1998.

COIMBRA, Jorséli, A. H. **Interpretando o processo da administração de medicamentos sob a ótica do enfermeiro**. 1999. 133 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Fundamental). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP, Ribeirão Preto, 1999.
1-26, august 9, 2002.

CERQUEIRA, Mariane de Carvalho Machado. Antissepsia – princípios gerais e antissépticos. In: RODRIGUES, Edwal a. Campos; MENDONÇA, João Silva de; AMARANTE, Manoel Buchidid et al. **Infecções Hospitalares: prevenção e controle**. São Paulo: Sarvier, 1997.

SOUZA, Adenícia C. Silva e; JUNQUEIRA, Ana Luiza Neto. **Injetáveis com Segurança: manual consultivo para profissionais de estabelecimento farmacêutico**. 3ª ed. Goiânia, 2001.

TIPPLE, Anaclara Ferreira Veiga. **As Interfaces do Controle de Infecção em uma Instituição de Ensino Odontológico**. 2000. 177 f. Tese (Doutorado em Enfermagem). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP, 2000.

1- Graduanda de enfermagem/ UFG. Bolsista PIVIC. shirleyribeiro2@bol.com.br

2 - Graduanda de enfermagem/ UFG. Faculdade de Enfermagem/ UFG.

3 – Professoras doutoras. Faculdade de Enfermagem/ UFG.

4 – Orientadora. Faculdade de Enfermagem/ UFG. ananeto@fen.ufg.br

CARDOSO, Shirley Ribeiro; PEREIRA, Lara S.; SOUZA, Adenícia C. S. e; TIPPLE, Anaclara F. V.; PEREIRA, Milca S.; JUNQUEIRA, Ana Luiza N. Anti-sepsia para administração de medicamentos por via endovenosa e intramuscular. In: CONGRESSO DE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO DA UFG – CONPEEX 2, 2005, Goiânia, **Anais eletrônicos do XIII Seminário de Iniciação Científica** [CD-ROM], Goiânia: UFG, 2005. n.p.